

# Relação analítica e função terapêutica: a questão do fim<sup>1</sup>

Claudio Rossi<sup>2</sup>

Resumo: Se a análise puder acontecer e conseguir sobreviver à intensa turbulência, o analisando vai percebendo que nosso descentramento é maior do que o causado pelas descobertas de Copérnico e de Darwin. Muito mais grave do que imaginava o primeiro Freud que acreditou que ao tornar consciente o Inconsciente, nosso Eu se tornaria mais forte e livre. À medida que Freud foi tendo mais experiência e sua teoria foi ganhando mais profundidade, o Ego que precisava servir a vários senhores foi se tornando, ele mesmo, contraditório e confuso. Com o analisando vai ocorrendo algo semelhante. O que parecia real se dissolve e as certezas vão desaparecendo tanto em relação a como percebe o mundo quanto ao conceito que tem de si próprio.

Palavras-Chaves: psicanálise, descentramento, incertezas, finitude.

Nós humanos aspiramos à onisciência e à onipotência. Desejamos que o universo obedeça às nossas ordens e que nossos projetos e desejos se realizem sem sofrerem limitações. Não queremos perder o que gostamos e detestamos as doenças e a morte. Se houver términos, que aconteçam de acordo com nossas conveniências e nossa autorização prévia. Gostaríamos que tudo começasse e acabasse de forma sincronizada com nossos interesses e caprichos.

Odíamos tudo que nos frustra e todos os que contrariam nossas expectativas. Ao contrário, adoramos quem nos ajuda a sentir, mesmo que passageiramente, que comandamos e que somos poderosos e ilimitados.

Sentimo-nos, frequentemente, como se ao nascer tivéssemos feito uma espécie de contrato no qual em troca de desistir de nossa animalidade selvagem ganharíamos o direito de viver sem términos e sem fronteiras. Comportamo-nos como se fossemos credores de compensações por termos perdido a possibilidade de estar

---

1. Trabalho apresentado no Congresso IPFR Armando Ferrari, Roma 2018.

2. Membro Efetivo e Didata da SBPSP.

imersos na natureza com as coisas e com os bichos, numa comunhão, sem consciência reflexiva, sem qualquer noção de finalidades ou de fim, num tempo eterno e sempre presente. Situação que poderíamos chamar de amoral e “amortal” pelo fato de nela não existirem julgamentos e pensamentos.

Ao sabermos da morte e do acabar de todas as coisas passamos a cultivar crenças nas quais somos imortais, assim como a usar estratégias para evitar que as coisas terminem. Ao perdermos a inocência ignorante que compartilhávamos com os animais, passamos a usar nossas competências para fabricar mundos imaginários seguros e eternos, com a finalidade de nos consolar e refugiar.

Entrando no mundo da cultura, através da linguagem, perdemos para sempre o Paraíso e, pelo menos nessa vida nada encontramos que se assemelhe ao que deixamos de ter. Nela tudo se arruína, tudo envelhece e desaparece. Até mesmo nossas crenças e fé são frágeis e titubeiam. No lugar do alinhamento instintivo e automático com os nossos semelhantes como ocorre no reino animal, nossa complexidade anímica e espiritual nos torna únicos e como o Andrógino passamos a vida procurando nossas metades perdidas e, claro, nunca as encontramos, pois nossa originalidade individual faz com que nos tornemos difíceis de compreender e de compartilhar ideias e sentimentos.

Freud numa entrevista dada ao repórter americano George Sylvester Viereck em 1926, citando coisas boas que aconteceram em sua vida, disse que vez ou outra encontrara um ser humano que quase o havia compreendido. Muito esforço e dedicação investiu o inventor da psicanálise tentando explicar seu pensamento, seus valores e seus métodos, mas, apesar disso, inteiramente compreendido ele jamais conseguiu ser e achou isso completamente natural. Somos muito ciosos de nossa identidade original e única e justamente por causa dela, paradoxalmente, nos sentimos tão carentes de reconhecimento, sintonia e aprovação. Nossa aventura no mundo da autoconsciência, porém, nos trás ainda outro dissabor. Como se já não bastasse a dificuldade em sermos compreendidos por terceiros, sofreremos, também, a contrariedade não conseguirmos nos compreender a nós mesmos.

O fato de não nos compreendermos a nós mesmos, contudo, não nos impede de nos autorizarmos e nos dedicarmos a compreender os outros. Isso nos distrai e nos consola aliviando a perplexidade que sentimos quando nos perguntamos para onde vamos e, afinal, o que queremos. Quando estamos dedicados aos outros, conseguimos nos esquecer da sensação de que sempre falta alguma coisa e de que corremos o risco de morrer antes de nos sentirmos satisfeitos com a vida. Nós que ficamos com a “amortalidade” perdida no passado e que sentimos carências e desamparo num presente que nos parece sempre incompleto. Como consolo, muito desconfiados, precisamos nos conformar com a promessa de uma imortalidade de conteúdo incerto que pode ser um paraíso ou um inferno. Ao cuidarmos desses mesmos desconfortos angustiantes em nossos companheiros de viagem pela Terra, nos sentimos mais seguros e sofremos menos. Como bichinhos que ficam felizes catando piolhos e lambendo seus pares, nós nos aconchegamos aos outros e ao dividir nossas angústias nos sentimos mais limpos e leves. Acredito que esse fenômeno, essa espécie de “grooming” anímico e espiritual que chamamos de compreensão e solidariedade, seja uma das principais causas da procura e da manutenção das relações analíticas que, não raramente, se mantém por anos ou décadas sem que nem o analista nem o paciente tenham vontade de concluí-las.

Desde que fomos expulsos de um verdadeiro paraíso ao nos enredarmos na linguagem e na cultura, tornando-nos seres complexos demais e irremediavelmente contraditórios, passamos a encontrar no compartilhamento compreensivo e solidário de nossos sofrimentos, o melhor remédio para nossos males que, certamente, são incuráveis. As mulheres aprenderam isso antes e melhor do que os homens que demoram muito mais para desistir de encontrar soluções concretas e eficazes para problemas insolúveis. Nesse sentido a Psicanálise é feminina. Atenção livremente flutuante, “holding”, continência, capacidade negativa, suspensão de julgamento, função alfa, uso de sentimentos contratransferenciais, setting, timing são alguns dos conceitos e posturas técnicas ligados a esse esforço de criar um lugar consistente, um espaço estável para o outro se sentir aconchegado, compreendido e apoiado em

seu esforço de viver como gente.

Nesse ambiente côncavo e macio, porém, acontece algo diferente do que ocorre no “grooming” de nossos “primos” que vivem nas florestas. Nossos piolhos e carrapatos não podem ser destruídos com os dentes e nossas feridas não se fecham com lambidas. Nossos parasitas vêm de dentro e costumam crescer e se tornar cada vez mais ameaçadores quando estamos deitados no divã. Nossa decepção vai crescendo de forma semelhante ao que aconteceu com Eva quando acreditou que comendo a fruta do conhecimento, do bem e do mal se tornaria como Deus. Ao invés disso, ela se viu frente a frente a uma espada flamejante que a encaminhou para a porta da rua e lá fora encontrou a situação humana: suor, esforço, sofrimento, trabalho e morte.

A paciência, o respeito, a compreensão e a persistência do analista vão permitindo que o analisando vá percebendo o quanto odeia a condição humana, o quanto foge dela e o quanto gostaria de destruir o “si mesmo” para escapar da consciência de seus conflitos e contradições. Vai se dando conta, também, da insustentabilidade de suas ilusões. Concordo com aqueles que entendem que o instinto de morte não se refere à destruição da vida corporal, mas, a do Ego. Se o suicida destrói sua vida física é por não suportar mais o seu espírito e principalmente seu Eu consciente e absurdo. As neuroses, psicoses, perversões são, também, tentativas desesperadas que as pessoas usam para se livrar das armadilhas que acontecem nessa complicada construção que é a mente humana.

Se a análise puder acontecer e conseguir sobreviver a essa intensa turbulência, o analisando vai percebendo que nosso descentramento é maior do que o causado pelas descobertas de Copérnico e de Darwin. Muito mais grave do que imaginava o primeiro Freud que acreditou que ao tornar consciente o Inconsciente, nosso Eu se tornaria mais forte e livre. À medida que Freud foi tendo mais experiência e sua teoria foi ganhando mais profundidade, o Ego que precisava servir a vários senhores foi se tornando, ele mesmo, contraditório e confuso. Com o analisando vai ocorrendo algo semelhante. O que parecia real se dissolve e as certezas vão desaparecendo tanto em relação a como percebe o mundo quanto ao conceito que

tem de si próprio. Vai se dando conta que confunde o presente com o passado, que coisas que parecem óbvias são distorções e criações provocadas por reminiscências. Que é capaz de se apaixonar por quimeras e que passa grande parte do tempo enganando a si próprio. Cria tantas versões a respeito de sua própria imagem que acaba sendo obrigado a reconhecer que não sabe, na verdade, quem é. O próprio Ego vai se revelando como uma ilusão tão fluida e indefinível quanto os problemas que se dispõe a resolver.

Chega a compreender Hamlet que se pergunta: “Será mais nobre em nosso espírito sofrer pedras e flechas com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja, ou insurgir-nos contra um mar de provocações e em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir”. Mas a situação do nosso herói psicanalítico é pior do que o herói de Shakespeare. Hamlet precisava escolher entre aguentar o destino ou morrer lutando, mas sua dúvida era a respeito de qual dos caminhos preservaria melhor sua honra. O nosso analisando, porém, já se encontra na horizontal, posição pouco digna para se vivenciar grandes nobrezas e sua questão, ao invés de “ser ou não ser” é “ser e não ser”. Tudo é e não é, tudo pode ser ou pode não ser, tudo é real e concreto ao mesmo tempo que é ilusório e nebuloso. Como lutar se a espada se transforma numa pluma e o inimigo em companheiro. Como morrer lutando se não há com quem lutar.

Chega a ser risível que essa aventura desvairada que é a Psicanálise seja frequentemente vendida como autoconhecimento. Bion costumava avisar aos que iam ler Psicanálise ou que se dispunham a deitar num divã, que ainda estavam em tempo de não fazerem isso. Prevenia que depois que o processo começasse não haveria mais volta. Quem pensou que ele estava fazendo graça se enganou. Essa minha descrição que se assemelha a uma tragédia grega num ambiente kafkiano poderia parecer exagerada se não se levar em conta que eu me concentro no cerne do processo analítico. Não me refiro aos encontros entre analista e analisando como eles acontecem na maior parte do tempo. Concordo com vários autores e em especial com Fabio Herrmann, saudoso amigo que foi analisado por Ferrari, que nos encontros entre paciente e psicanalista a maior parte do tempo acontece uma conversa

psicoterápica. Muitas vezes nem isso, ocorre apenas uma conversa amigável. Como uma conversa amigável entre dois pescadores que de repente se interrompe quando um peixe, invisível para ambos, morde a isca. Só que o rio não está na frente dos pescadores. Está dentro deles. Quando o anzol fere a boca do peixe a dor vem de dentro, das vísceras deles mesmos, os pescadores. Passam então a conversar sobre a experiência, a se apoiar e a se solidarizar.

Bion, apoiando-se em Poincaré, chamou o peixe de “fato selecionado” e Fabio Herrmann chamou os efeitos da pesca na personalidade dos pescadores de “ruptura de campo”. Acho que poderíamos dizer que ruptura de campo tem a ver com auto desconhecimento. Nesse sentido seria válido afirmar que a Psicanálise nos leva ao conhecimento do auto desconhecimento. “Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.” Essa declaração feita por Marx e Engels no Manifesto Comunista é menos radical do que o que poderíamos dizer sobre a essência do processo analítico. Na primeira ainda existe a crença que desmascarada a ideologia a realidade se desvelaria. Na segunda essa crença é abalada, pois o que acontece é que quando uma ideologia desaba surge outra em seu lugar que, também, será desmantelada mais cedo ou mais tarde. Algo na linha epistemológica de Popper quando afirma que o conhecimento não progride quando é construída uma teoria sobre algo, mas, quando se descobre que a teoria vigente é falsa. Não há valor heurístico numa hipótese que não pode ser contestada e desmentida.

Como na ciência, todavia, não podemos viver sem teorias precárias apesar de sabermos que acabarão sendo derrubadas com o tempo. Ficariamos paralisados se não pudéssemos acreditar em nossas visões de mundo e se não tivéssemos uma imagem de nós mesmos que fosse minimamente estável. Sem fé em nossas percepções e sem crença nas nossas teorias seria impossível viver no universo cultural e social dos seres humanos.

Nossas sensações, percepções, emoções, sentimentos, hipóteses, teorias, visões

de mundo, valores, éticas, estéticas, ações, projetos, relações com as coisas e com as pessoas, em fim, todas as atividades humanas imagináveis estão articuladas e tangidas pelo que a Psicanálise chamou de desejo. Queremos reencontrar uma satisfação que repousa no fundo da memória, ocorrida num tempo e num lugar soterrados no inconsciente.

Hoje em dia se fala muito em ser feliz. A busca da felicidade se tornou uma meta clara e explícita que justifica uma grande quantidade de escolhas e ações. Isso que parece tão natural não o era há muito pouco tempo atrás. Não era razoável uma pessoa pretender ser feliz nessa terra e muito menos fazer escolhas com esse objetivo. Aqui era considerado um vale de lágrimas, um território de luta contra as tentações. Tolerar com piedade os infortúnios e sofrimentos nos rendia pontos a serem usados na vida após a morte. O prêmio que se recebia por escolher um caminho de sacrifício e privações, resistindo aos apetites da carne e aos sete pecados capitais, era encontrar a felicidade no céu, ao lado dos santos, dos anjos e de Deus. Isso depois de enfrentar o juízo final e passar algum tempo no Purgatório. Tentar obter a felicidade nesta vida era temerário e o resultado seria, com grande probabilidade, a condenação ao Inferno.

O fato é que os seres humanos não estão mais dispostos a esperar. Querem a felicidade logo, sem mais delongas. Nos tempos em que objeto do desejo, a satisfação plena sem perturbações, estava projetado na vida espiritual, as pessoas trabalhavam, se privavam, toleravam a dor e as frustrações, mas, eram protegidas da decepção. Tudo era decorrente da vontade de Deus e tudo seria compensado e premiado depois. A maior motivação era a de ir aumentando o peso das boas ações no prato da balança do juízo final. Agora não mais. Cada vez que atingem uma meta, cada vez que obtém uma vitória, cada vez que conquistam algo, logo passam a se angustiar. Percebem que a satisfação, a alegria, o prazer não duram muito e o desejo retorna, o tédio volta a se manifestar e a insatisfação – o oposto da felicidade - volta a acontecer. O acúmulo de decepções vai gerando um mal estar que “confirma” as velhas teses religiosas. As pessoas vão parar no Inferno, não na outra vida, mas, aqui

mesmo. Os religiosos pensam na morte como passagem para a vida eterna. Querem, portanto, continuar vivendo. Aqueles que aspiram pela felicidade em vida, acabam querendo morrer para repousar para sempre. Para não desejando mais, não mais sofrer desapontamentos.

A Psicanálise não pensa nem como os primeiros nem como os últimos. Entende que a vida é turbulenta e nela não existirá nem paz, nem satisfação plena e muito menos satisfação perene.

O desejo é a consequência de nossa filiação à cultura que por sua vez é consequência da linguagem. Não podemos nunca ficar satisfeitos porque não desejamos o que nossos instintos nos fariam desejar, mas, o que nossa aculturação nos leva a desejar. Desejamos o que nos fizeram desejar. As experiências emocionais que tivemos com os objetos primários, com o que aprendemos durante a vida, nas relações com a sociedade como um todo em todas suas manifestações. Precisamos satisfazer o corpo com alimentos simbólicos e a conta não fecha. Fica sempre um débito, principalmente porque o alimento anímico que mais desejamos é estar no lugar daquilo que falta ao outro. É ser aquilo que o outro quer para ficar satisfeito. Queremos ser o que o outro deseja que sejamos. Os outros, por sua vez, querem ser o que imaginam que queremos que eles sejam. Não é difícil perceber que isso gera uma situação parecida com a que ocorre com as imagens quando nos miramos em um par de espelhos em ângulo. Surgem inúmeras imagens, idênticas a si mesmas, numa sucessão interminável. Queremos ficar satisfeitos sendo a causa da satisfação dos outros que, também, não podem ficar satisfeitos.

Podemos ter prazer em estar com os outros. Podemos ficar alegres e causar alegria. Podemos provocar sentimentos felizes e sentir-nos saciados e plenos numa relação por algum tempo. Podemos ter muitas felicidades pontuais. Não podemos ter A Felicidade”. Da mesma maneira, podemos ser por algum tempo o motivo de alguns outros se sentirem bem e satisfeitos. É impossível, porém, ser a satisfação plena de alguém. A maior parte do tempo sentimos que os outros são fonte de problemas para nós e, com certeza, somos fontes de problemas para os outros. Na

verdade quanto menos procuramos a felicidade, paradoxalmente, mais chances temos de senti-la.

Bastante comum é as pessoas iniciarem uma psicanálise com a intenção de melhorarem sua capacidade de conseguir o que desejam de seus semelhantes, ou seja, serem reconhecidas, desejadas, admiradas, amadas. Buscam, além disso, saber quem são. Percebem que tem uma imagem pouco clara, instável e mutável a respeito de si mesmas. Sentem-se incoerentes, contraditórias, com pouca capacidade de controlar suas emoções e de realizar seus projetos. Sofrem de insatisfação com suas escolhas e com suas conquistas e compromissos. Sintomas estranhos, incompreensíveis e incontroláveis muitas vezes as fazem sofrer. Evidentemente, esperam poder terminar suas análises tendo resolvido a maior parte desses problemas e tendo satisfeito essas expectativas. Acreditam que o analista sabe como elas são e que vai ajudá-las a saberem também. Com a ajuda dele ficarão do jeito certo e finalmente serão felizes. Para o senso comum, assim são os analistas e para isso que eles servem. Se o sujeito não encontra a paz e a felicidade com a religião e com as realizações sociais conforme foi convencido desde a infância, deve procurar ajuda especializada. Entre as ajudas possíveis está a Psicanálise. Atualmente considera-se perfeitamente razoável, também, que a Psicanálise seja ajudada pela Farmacologia para que o objetivo seja atingido. Paz de espírito, ausência de conflitos e de angústia. De preferência, tudo isso, o mais rapidamente possível.

Dentro de cada ser humano, na memória, estão os traços das primeiras experiências de satisfação. As pessoas a essas satisfações querem retornar. Cada um de nós aspira retornar ao tempo, perdido na aurora da vida, no qual, devido a ausência de linguagem, de pensamento e de consciência não se sentia nem contradições nem angústia. No inconsciente almeja-se a dissolução daquilo que chamamos de Eu. Essa aspiração que é o Desejo no sentido psicanalítico, é expressão do instinto de morte. É a busca do silêncio, do repouso, da ausência de necessidades e de frustrações. É o fantasma que nos chama, da tumba profunda em que se encontra e nos convida a ir morar com ele. Seu chamamento é perigoso porque, afinal, ele parte de

nós mesmos e nos seduz. É consequência do trabalho que nos dá viver e da resistência que temos em enfrentar as vicissitudes de ser gente.

Homero nos legou uma das mais belas narrativas quando relata que Ulisses, ao atravessar o estreito de Messina entre Cila e Caribdes, os dois monstros marinhos, amarrou-se ao mastro do navio para não ser vítima das sereias. Sabia que se não o fizesse, mergulharia no mar seduzido pelo seu canto e morreria.

Podemos usar essa cena como uma analogia para a Psicanálise. Analista e analisando precisam atravessar um local cheio de fantasmas que são apavorantes, mas, ao mesmo tempo extremamente sedutores. Oferecem grandes prazeres, mas, ao serem abraçados arrastam para a morte. O que amarra o analista no mastro é a convicção, que obteve em sua própria análise pessoal, que paz ou descanso não existe entre os mortais. Para o paciente que está desamarrado o analista é a maior e a mais sedutora das sereias. Mas, o analista nem abraça, nem mergulha. Durante anos a fio, vai desiludindo o analisando homeopaticamente, um pouco de cada vez. Ajuda-o a se conformar, consola-o das decepções e frustrações causadas pelas expectativas transferenciais. Usa sua capacidade de simbolizar em socorro do paciente que passa a poder expressar melhor e a pensar sobre seus infortúnios e perplexidades.

Quando o paciente, já tendo corda suficiente, se amarra num outro mastro, a análise pode terminar. Ou melhor dizendo, a análise está terminada. Os encontros da dupla podem continuar, mas, a análise terminou. O melhor resultado possível foi alcançado. Dois Ulisses amarrados, sofrendo tentações, incomodados pelas cordas, mas a salvo. Atravessaram o fantasma, diria Lacan. Continuam a ouvir as sereias, mas, não as vêem. Estão a salvo delas, mas, as anseiam. Sonham com a paz, mas, aceitam e usufruem a guerra interminável que é estar vivo. Freud, antes mesmo de inventar a Psicanálise, dizia a seus pacientes: “haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída à saúde, você estará mais bem armado contra essa infelicidade”.

Na modificação que fiz na cena da Odisseia – espero ser perdoado pela profanação – tentei por em evidência a importância da solidariedade, da paciência, da

tolerância, do aconchego e do timing do analista para que a situação transferencial encontre suporte e possa ser feita a elaboração. As vantagens patológicas do sintoma somente serão questionadas e abandonadas se a relação com a pessoa do analista oferecer compensações, sendo a maior delas a garantia de que o analista vai continuar presente e compreensivo. Cada desilusão é seguida por muito tempo de elaboração e apoio. Sem isso o paciente que não está amarrado ao mastro, acaba preferindo as sereias e se joga no mar.

No que desenvolvemos até o momento chegamos à conclusão que a psicanálise é terminável e explicitamos como acontece o seu término. Acontece que nem sempre conseguimos chegar ao ponto em que o analisando é capaz de aceitar de forma estável as infelicidades comuns da vida humana. Nesses casos o trabalho pode se tornar sem fim. Os sintomas retornam, atuações com passagens ao ato se repetem, fenômenos psicossomáticos se manifestam, de tal maneira que o analista passa a ser um apoio necessário durante muito tempo. É como se o paciente tivesse uma doença crônica incurável que, no entanto, se beneficiasse com tratamento contínuo. Nesses casos, em geral, a dimensão propriamente analítica do trabalho vai perdendo espaço e a atividade vai se tornando uma psicoterapia.

Existem ainda os casos, mais frequentes nas formações analíticas, em que após o término das análises a dupla continue se encontrando e mantendo relações pessoais no trabalho e em situações sociais diversas. Muitos questionamentos ocorrem a respeito dessas relações e a teoria mais aplicada para fundamentar esses questionamentos é a dos restos transferenciais não devidamente analisados. Essa tese parte do princípio de que a transferência pode ser analisada até o fim, sem deixar restos, o que é equivalente a desvendar o inconsciente completamente e dominá-lo. Não existe essa possibilidade. Os objetos de nosso desejo sempre permanecerão no inconsciente e jamais deixarão de ser a fonte de nossas motivações. A transferência está sempre acontecendo em todas as relações simplesmente porque a própria estrutura de nossa percepção está modulada por ela. Seria mais verdade dizer que somos desejados, que sofremos nosso desejo, na voz passiva, do que afirmar que

desejamos. Nosso próprio Eu é uma ilusão.

Em qualquer relação se manifestam as sereias, estamos sempre no estreito de Messina. É bom manter as cordas sempre em ordem e prontas para o uso. Podemos sempre, em qualquer situação, escolher as complicações e turbulências da vida. Se pudermos aceitar a cota de “infelicidades comuns” a vida é bem interessante e bela e o preço a pagar é razoável. Freud na mesma entrevista que citamos a cima, disse: “Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague a minha fruição das coisas simples da vida”. As coisas simples da vida, as pequenas coisas que acontecem cotidianamente, os pequenos prazeres diários, a apreciação das belezas que nos rodeiam, as boas emoções que temos com os outros são as causas de amarmos a vida e de sentirmos que ela vale a pena. Em todo caso, podemos, também, buscando a paz, o silêncio e o descanso, nos atirar nos braços da morte. Acho melhor usar todos os nossos recursos e pagar o preço de viver, afinal, mais cedo ou mais tarde a morte, sem cobrar nada, nos levará de qualquer maneira.

---

## **Analytical relationship and therapeutic function: the issue of the end**

**ABSTRACT:** If the analysis can happen and survive the intense turbulence, the analyst realizes that our decentering is greater than that caused by the discoveries of Copernicus and Darwin. Much more serious than the first Freud thought he believed that by making the Unconscious aware, our I would become stronger and freer. As Freud gained more experience and his theory gained more depth, the ego that needed to serve several masters was itself becoming contradictory and confusing. Something similar is happening with the analysand. What seemed real dissolves and certainties disappear as much in relation to how the world perceives the concept of itself.

**KEYWORDS:** psychoanalysis, decentering, uncertainties, finitude.

## **Relación analítica y función terapéutica: la cuestión del fin**

**RESUMEN:** Si el análisis puede suceder y lograr sobrevivir a la intensa turbulencia, el analizando va percibiendo que nuestro descentramiento es mayor que el causado por los descubrimientos de Copérnico y de Darwin. Mucho más grave de lo que imaginaba el primer Freud que creyó que al hacer consciente al Inconsciente, nuestro Yo se volvería más fuerte y libre. A medida que Freud fue teniendo más experiencia y su teoría fue ganando más profundidad, el Ego que necesitaba servir a varios señores se fue, en sí mismo, contradictorio y confuso. Con el analizando va ocurriendo algo similar. Lo que parecía real se disuelve y las certezas van desapareciendo tanto en relación a cómo percibe el mundo en cuanto al concepto que tiene de sí mismo.

**PALABRAS-CLAVE:** psicoanálisis, descentramiento, incertidumbres, finitud.